

NOTAS DE PESQUISA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS DOENÇAS NO JORNAL DIÁRIO DA BAHIA (1889-1930)

Esdras Santos Oliveira¹

Resumo: O objetivo deste texto é discutir como o *Diário da Bahia* divulgou matérias relacionadas à temática da saúde e doença nos anos de 1902 a 1906. Nesse período, discussões acerca da febre amarela, da peste bubônica, da varíola e da tuberculose apareceram sempre entre as primeiras páginas. Anúncios de remédios prometendo “curas milagrosas”, relatos de médicos e pacientes acerca do uso de medicamentos, além de propostas governamentais de intervenção no campo da saúde e da higiene, foram também veiculados. A doença é compreendida aqui como um fenômeno social, cujos sentidos são construídos e reconstruídos pelos diversos sujeitos sociais. Nessa perspectiva, seu estudo possibilita conhecer a multiplicidade da experiência histórica.

Palavras-Chave: Doença. Saúde. Imprensa.

O presente texto discute os resultados iniciais da pesquisa intitulada “Enfermidades que viram notícia: representações das doenças no jornal *Diário da Bahia* (1889-1930)”.² Trata-se de perceber como esse periódico divulgou matérias relacionadas à temática da saúde e doença nos decênios iniciais do período republicano. Ao longo do período percorrido por esta pesquisa, matérias sobre a febre amarela, a peste bubônica, a varíola e a tuberculose apareceram sempre nas primeiras páginas. Remédios prometendo “curas milagrosas”, relatos de médicos e pacientes acerca do uso de medicamentos, além de propostas governamentais de intervenção no campo da saúde e da higiene, foram também veiculados. Inicialmente, interessa construir uma análise sobre as referidas notícias, mapeando, em alguma medida, as temáticas por elas suscitadas. A doença é compreendida aqui como um fenômeno social, cujos sentidos são construídos e reconstruídos pelos diversos sujeitos sociais. Nessa perspectiva, seu estudo possibilita conhecer a multiplicidade da experiência histórica.³

Para a realização desta investigação, além da análise de parte da bibliografia acerca da história da saúde e das doenças, foi importante o conhecimento metodológico sobre o trabalho com periódicos.⁴ De início, buscou-se perceber a estrutura e o funcionamento do *Diário da Bahia*. Fundado por Demétrio Ciríaco Tourinho e Manuel Jesuíno Ferreira, esse jornal começou a circular em 1856. Era um vespertino editado diariamente, com exceção das segundas-feiras. Criado como órgão do Partido Liberal, até o ano de 1868 passou por sucessivos donos, quando foi adquirido por uma sociedade anônima composta de membros da referida agremiação política. No período

compreendido entre 1868 e 1880, representantes da “elite intelectual” da época fizeram parte do seu corpo de redação, a exemplo de Rui Barbosa, Manuel Vitorino Pereira, Sátiro Dias, Augusto Guimarães, Xavier Marques, entre outros.

De 1880 a 1889, o *Diário da Bahia* foi dirigido por Augusto Álvares Guimarães. A mudança do regime político do Império para a República não alterou, prontamente, o seu posicionamento. O mesmo manifestou-se favorável ao liberalismo, independentemente do tipo de organização política instituída. O periódico seguiu a orientação do seu proprietário, Augusto Guimarães, ligado ao Partido Republicano Federalista - PRF, aos quais se vinculavam, entre outros, José Gonçalves da Silva e Sátiro Dias. Em 20 de novembro de 1899, já sob a posse de Domingos Rodrigues Guimarães, o jornal fechou suas portas. A partir dessa fase, ficou inativo por pouco mais de um ano, até ser adquirido por Severino Vieira. O *Diário da Bahia* voltou a circular em 1º de janeiro de 1901, como órgão do Partido Republicano da Bahia – PRB, sob a gerência de Francisco Antonio Caymmi.⁵ A orientação ideológica “severinista” durou até 1917. Após passar por diversos proprietários, foi editado pela última vez em 1957. Portanto, foi um veículo de informação que circulou durante todo o recorte temporal desta pesquisa, ou seja, as primeiras décadas republicanas.⁶

O *Diário da Bahia* era um jornal da chamada *Grande Imprensa*, sendo esta entendida aqui a partir da perspectiva de José Weliton Aragão Santos, que a define como uma empresa jornalística, uma indústria que mercantiliza a informação, vende a notícia. Tendo como base de sustentação a publicidade, veicula a ideologia da classe dominante.⁷ Até o momento, foram pesquisados cinco anos de jornais, relativos ao período de 1902 a 1906. Ao longo desse tempo, de um modo geral, esse periódico circulou com quatro páginas, nas quais eram distribuídas notícias internacionais, nacionais e locais. Às vezes, sua paginação aumentava para seis, oito ou dez páginas. Isso ocorria quando eram divulgados decretos, leis e editais do governo da Bahia ou do município de Salvador, além de mensagens do governador do estado, direcionadas, originalmente, à Assembleia Geral Legislativa. Essas publicações, por vezes, ocupavam um espaço significativo no seu corpo, o que acarretava o acréscimo de folhas.⁸

No decorrer da pesquisa, percebemos que foram constantes os anúncios de medicamentos prometendo “curas milagrosas” ou prevenção para diversos tipos de enfermidades. Constantemente veiculados entre as últimas páginas, em meio à divulgação de serviços e produtos de papelaria, de vendas de máquinas de costura, de propagandas de chocolaterias, de casa lotérica, entre outros, encontravam-se os

anúncios do *Peitoral de Cambará*, da *Emulsão de Scott*, das *Pílulas Rosadas* do Dr. *Williams* e do *Jatahy Prado*. Por esse meio, os representantes comerciais ou donos de drogarias esforçavam-se em comprovar a eficácia desses produtos. No conjunto das estratégias, encontravam-se o uso de imagens ilustrando a transformação “positiva” do enfermo, a certificação de médicos e parentes de pessoas que diziam ter restabelecido a saúde, além da reprodução de relatos de “ex-enfermos” confirmando os resultados esperados com a ingestão dos remédios.

A utilização de imagens para ilustrar os efeitos dos medicamentos era feita pelas propagandas do *Jatahy Prado* e da *Emulsão de Scott*. Com frequência regular, esses anúncios foram editados durante todo o período percorrido pela pesquisa. No caso do primeiro, a estratégia do uso de fotografias ocorreu desde o ano de 1902. No que se refere ao segundo, percebemos que esse artifício passou a ser utilizado a partir de 1904. A propaganda do *Jatahy Prado* trazia o testemunho de um “homem anônimo” se dizendo “ex-enfermo”. Por meio de fotografias intercaladas com textos escritos, ilustrava a sua “cura dos pulmões”. De forma didática, mostrava que a doença o havia levado ao estado de raquítico e esquelético, e com a ingestão do referido medicamento, estaria “completamente curado e bonito”. Nos anúncios da *Emulsão de Scott*, ocorria a alternância entre as imagens do busto do menino Luiz Mestre, “curado de raquitismo”, e a da menina Carmem Neyra, “curada radicalmente de artrismo”. Eles eram representados como “portadores de força e robustez”, qualidades “adquiridas com o uso do remédio”.⁹

Sobre esse ponto, é interessante observarmos algumas questões. No decorrer da pesquisa, notamos que o uso de imagem não era um fator comum no jornal. Para se ter ideia da importância da incorporação desse artifício nos anúncios de remédios, somente os políticos de destaque do período, alinhados com a perspectiva política do periódico, tiveram os seus retratos publicados, a exemplo de Severino Vieira e José Marcelino de Souza, entre outros.¹⁰ Dessa forma, as figuras de dois jovens, do sexo masculino e feminino, representados sob o modelo de saúde da época, além de um homem que passou do estado raquítico e esquelético para o sadio, parecem apontar para a estratégia do jornal em utilizar imagens no sentido de influenciar o leitor, ou mesmo como forma de alcançar um público pouco familiarizado com as letras, haja vista o alto índice de analfabetismo do período.

Se somente os anúncios do *Jatahy Prado* e da *Emulsão de Scott* faziam a utilização de imagens, situação diferente acontecia quando do emprego de testemunhos

informando sobre a “eficácia” dos remédios. Com exceção de uma das propagandas da emulsão de Scott, em que era publicada a fotografia da menina Carmem Neyra, o recurso da certificação foi incorporado aos anúncios de todos os medicamentos até aqui referidos.¹¹ Os elementos utilizados para convencer o leitor podem ser reveladores de um cenário com diversos sujeitos ligados a outros universos medicinais. Sobre isso, é importante mencionar que o jornal noticiou dois casos de curandeiros e um de feiticeiro.¹² Neles, há fortes indícios da procura de pacientes por esses agentes de cura e suas medicinas. Ainda sobre os anúncios de remédios, no momento em que muitos pesquisadores buscavam uma cura para a tísica, várias propagandas de medicamentos diziam ter a solução contra a tuberculose. Percebe-se, portanto, como essa moléstia foi representada de maneiras distintas nas páginas do *Diário da Bahia*.

A temática relacionada à saúde e à doença também apareceu com frequência nas primeiras páginas do jornal. Pequenas notas informando sobre inúmeras epidemias ocorridas em diversos locais foram publicadas na seção “Telegramas: serviço particular do *Diário da Bahia*”. De 1902 a 1906, dentre muitas, ganharam visibilidade as de febre amarela, em São Paulo, de varíola, no Rio de Janeiro, do cólera, em Londres, e as de peste, em Recife e em Campos.¹³ A publicação dessas matérias era feita no dia posterior ao envio. Em boa parte dos casos, trazia informações sobre o grau de expansão das enfermidades, a quantidade de mortos e o posicionamento das autoridades sanitárias perante o evento. Todas, no entanto, eram precedidas da localização e data em que haviam sido remetidas para o periódico.

Se essa parte do jornal informava sobre doenças acontecidas fora do estado, havia uma destinada a tratar somente de casos ocorridos na Bahia. Tratava-se da “Defesa sanitária”, espaço em que se divulgavam as ocorrências de moléstias transmissíveis, de notificação obrigatória.¹⁴ Na ocorrência de enfermidades como a tuberculose, varíola, peste, escarlatina, difteria, febre tifóide, tifo “exantemático” e disenteria, o médico ou a parteira deveria fazer a imediata comunicação à Inspetoria Geral de Higiene.¹⁵ Dentre as moléstias citadas, a tuberculose era a de maior incidência e mortalidade, seguida, com larga distância, pela varíola. Os acometidos pela varíola deveriam ser removidos para a Enfermaria de Isolamento, em S. Lázaro, e suas residências eram desinfectadas. Essa medida também ocorria em situações de morte causada por tísica, ou, ainda, quando do aparecimento de portadores de “peste”, sendo estes direcionados para o Hospital de Isolamento de Monte-Serrat.

Algumas doenças foram noticiadas em meio às tentativas da medicina em explicar as causas de suas transmissões ou em busca de curas. Sobre a febre amarela, por exemplo, divulgaram-se reportagens em que a sua forma de transmissão era fator de divergência entre médicos, e “destes” com autoridades políticas de São Paulo. Nesse momento, as tese variavam. Havia aquelas que defendiam o mosquito como o seu agente causador. Outras consideravam que a doença era causada pelo contato com o doente, ou a partir da contaminação através de roupas, de lençóis, ou do próprio ambiente.¹⁶ No caso da tuberculose, o jornal informou sobre a descoberta de um “soro anti-tuberculoso” apresentada no Congresso Internacional de Tuberculose, em Paris, no ano de 1905. Para o articulista, as experiências com o novo medicamento confirmavam que a “batalha contra esse mal estava ganha”.¹⁷ No ano seguinte, no Instituto Pasteur de São Paulo, o Dr. Azurem Furtado anunciou um procedimento de cura com a ressalva da necessidade de mais dois meses para apresentá-lo com inteira segurança. Semanas depois, no entanto, o *Diário da Bahia* noticiou a morte de um doente de tuberculose tratado com a nova terapêutica.¹⁸

Em um cenário em que doenças assolavam no mundo e em territórios próximos à Bahia, o jornal pareceu temeroso em relação ao risco do território baiano virar palco de epidemias. É o que parece demonstrar algumas matérias com conteúdo profilático direcionado a doenças como a peste bubônica e a varíola. Sobre esta última, foi possível perceber a ocorrência de casos durante todos os anos percorridos pela pesquisa. O periódico propagandeou a obrigatoriedade da vacina e reforçou a importância da população em tomá-la. Sobre a peste, indicava-se a exterminação dos ratos, a higienização das casas e, caso algum indivíduo viesse a contraí-la, deveria ocorrer o isolamento do mesmo, tirando-o do contato com a família.¹⁹ Apesar da propagação dessas medidas higiênicas, o estado baiano não passou imune às epidemias de peste, sendo atacado durante o segundo semestre de 1904 e na primeira metade do ano de 1906.

Nesses dois eventos epidêmicos, o periódico não deixou de se manifestar. Nas duas situações, a primeira página foi utilizada para divulgar medidas profiláticas para o controle da peste, ao mesmo tempo em que o periódico defendia o governo das acusações de “negligência” feitas pelo *Jornal de Notícias*, em 1904, e pelo *Jornal do Comércio*, em 1906. Nesse último ano, o *Diário da Bahia* não apenas justificou que o empenho do governo estadual no combate à peste vinha desde 1899, como também partiu para o ataque. Diversas reportagens foram publicadas na primeira página com o

título “O pai da peste na Bahia”. Nelas, o baiano J. J. Seabra, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, era acusado de nada fazer para colocar o porto da Bahia ao “abrigo da invasão” .²⁰ Percebe-se, portanto, que a doença e temas correlatos aparecem em constante transformação, sendo representados de formas diversas pelos que lutavam em lhes dar sentido.²¹

Como se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, as conclusões aqui referidas têm caráter parcial e transitório. Pelo que foi observado até o momento, o jornal *Diário da Bahia* noticiou sistematicamente temas relacionados à saúde e a doença. Essas matérias, no entanto, precisam ser melhor analisadas, não apenas à luz da bibliografia específica sobre a temática aqui abordada, como também a partir do entendimento das questões sociais e do jogo político e econômico do período estudado. Afinal, como todo periódico, o *Diário da Bahia* assumia filiação política e ideológica. Daí poder em alguns momentos aproximar-se mais do governo e, em outros, se colocar como oposição. Nesse sentido, as representações acerca das doenças empreendidas por esse jornal, devem ser situadas historicamente, requerendo o diálogo dessas fontes com outros documentos, a exemplo das Mensagens e Falas dos governadores, de Leis e Decretos governamentais, além dos censos demográficos, industriais e comerciais dos anos de 1920 e 1940, entre outros.

NOTAS

¹ Esdras Santos Oliveira. Graduando em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail: esdras.music@hotmail.com.

² Essa pesquisa faz parte de um projeto maior, de autoria da professora Dra. Maria Elisa Lemos Nunes da Silva, intitulado “Estado enfermo: as doenças na imprensa baiana das primeiras décadas republicanas”. Além da pesquisa por mim desenvolvida no jornal *Diário da Bahia*, sob orientação da referida professora, o jornal *A Tarde* está sendo trabalhado pela discente Claudia Lima da Silva, também bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

³ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A doença revelando a história: uma historiografia das doenças. In: Nascimento, D. R. do; Carvalho, Diana Maul de. (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 14. As autoras destacam que diversos pesquisadores da área de história da saúde e da doença vêm dando importância ao papel dos símbolos, das crenças, das representações, ou seja, ao enfoque cultural. Dessa forma, é necessário voltar atenção para fontes antes negligenciadas por uma perspectiva que privilegiava os discursos médicos, tais como obras memorialísticas e literárias, biografias, depoimentos orais, fontes jornalísticas, prontuários, iconografia, entre outras. Para as autoras, a história das doenças torna-se mais instigantes quando ampliar nossas percepções sobre a interação entre dimensões biológicas, econômicas, sociais, políticas e culturais. O campo de estudos da história da saúde e das doenças é interpretado, também, à luz de outras perspectivas teóricas. Uma das linhas de investigação tece um diálogo teórico com Michel Foucault. Essa abordagem foi em certa medida iniciada com a publicação, em 1978, do livro *Danação da Norma*, organizado por Roberto Machado e outros autores. Tendo a medicina como objeto, volta-se para a análise dos discursos médicos e para a relação entre saber e poder, dando ênfase ao que ficou conhecido como estratégia de medicalização da sociedade. Ver: MACHADO, Roberto et al. *Danação da Norma: Medicina social e constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Em uma abordagem diferente

encontram-se os trabalhos que discutem a experiência do doente e de outros sujeitos históricos ligados às variadas práticas de cura. Grande parte dos autores que compactuam com essa vertente historiográfica tem relação com o Centro de Pesquisa em História Social da Cultura - CECULT - do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. A saúde é estudada a partir de uma história social das artes de curar no Brasil. Esses pesquisadores não concordam com a ideia de medicalização da sociedade e chamam à atenção para a importância da análise da experiência da população com as políticas da área de saúde para a percepção do alcance das políticas higienistas. Para eles, se houve um projeto de medicalização da sociedade, é preciso buscar as respostas da sociedade acerca desse fenômeno. Ver: SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001; CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, e CHALHOUB, Sidney et al. (org.) *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

⁴ Para o tratamento metodológico com os periódicos ver: LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto 2008, p. 138-142. As reflexões teórico-metodológicas foram construídas, principalmente, a partir de um diálogo com os seguintes autores: Jacques Le Goff, especialmente a concepção de documento. Ver: LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão... [et. al.] 5ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 25-539; Michel de Certeau, sobre o ofício do historiador. Ver: CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 65-119; Roger Chartier, no que diz respeito ao conceito de representação. Ver: CHARTIER, Roger. Introdução. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28

⁵ A tipografia e a redação do *Diário da Bahia* localizavam-se na Praça Castro Alves, nº 101. Os moradores da Bahia e de outros estados pagavam preços diferentes pela assinatura desse periódico. Para os residentes na federação baiana, os preços da assinatura eram os seguintes: por seis meses pagava-se 11\$000, e por um ano o custo era de 20\$000. Para os de fora, o semestre custava 13\$000, e o ano 24\$000. Percebe-se que esse jornal tinha pretensão de atingir leitores de outras federações.

⁶ As informações sobre o *Diário da Bahia* foram adquiridas em SAMPAIO, Consuelo Novaes. Verbete do *Diário da Bahia*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 07 de abr. de 2012.

⁷ SANTOS, José Weliton Aragão. *Formação da grande imprensa na Bahia*. 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1985. p. 5.

⁸ Acerca dessa questão, podem ser consultados os seguintes exemplares: *Diário da Bahia*, 8 março de 1902, pp. 1-2 ; *Diário da Bahia*, 8 abril de 1903, pp. 1-2 ; *Diário da Bahia*, 21 maio de 1903, pp. 4-7 ; *Diário da Bahia*, 27 outubro de 1904, pp. 3-5; *Diário da Bahia*, 10 agosto de 1905, pp. 5-10.

⁹ A utilização das imagens alternadas dos dois jovens era feita pela propaganda da Emulsão de Scott. Já a do homem que passou do estado raquítico ao esquelético, e, depois, para o aspecto de sadio, fazia parte do anúncio do Jatahy Prado. Para maior informação, consultar os seguintes exemplares: *Diário da Bahia*, 6 fevereiro de 1904, p. 5; *Diário da Bahia*, 15 abril de 1904, p. 4; *Diário da Bahia*, 9 janeiro de 1902, p. 3.

¹⁰ Ver: *Diário da Bahia*, 28 maio de 1904, p. 1. É importante ressaltar que nessa edição aparecem as fotografias, centralizadas, do busto de Severino Vieira e de José Marcelino de Souza. Nesse ano, este último sucederia o primeiro no governo do estado. Em casos como esse, as imagens eram bem maiores do que as inseridas nas propagandas de remédios.

¹¹ Sobre o Jatahy Prado e as curas de tosses, febres, escarros de sangue, etc., ver o *Diário da Bahia*, 5 julho de 1902, p. 4. Para o caso do Peitoral de Cambará e o uso em casos de tuberculose pulmonar, laringite, tosses etc., indica-se o *Diário da Bahia*, 31 maio de 1905, entre as últimas páginas. Ainda sobre esse medicamento e a cura sobre a coqueluche, ver: *Diário da Bahia*, 11 maio de 1906, p. 3. Para as Pílulas Rosadas do Dr. Williams e a cura de paralisia parcial, consultar o *Diário da Bahia*, 10 novembro de 1905, p. 3. Sobre a Emulsão de Scott e o sucesso do seu emprego em casos de anemia, tuberculose incipiente, etc., ver o *Diário da Bahia*, 4 maio de 1902, p. 5.

¹² Todas as três reportagens foram publicadas na primeira página. Ver: *Diário da Bahia*, 23 agosto de 1904, p. 1; *Diário da Bahia*, 12 novembro de 1904, p. 1; *Diário da Bahia*, 12 setembro de 1905, p. 1.

¹³ Sobre a epidemia de peste em Recife, consultar as edições do *Diário da Bahia*, 2 de maio de 1902, p. 1; *Diário da Bahia*, 23 maio de 1902, p. 1. Sobre a de febre amarela em São Paulo, ver as edições do *Diário da Bahia*, 12 fevereiro de 1903, p. 1; *Diário da Bahia*, 22 de fevereiro de 1903, p. 1. Para a epidemia de varíola no Rio de Janeiro, consultar as edições do *Diário da Bahia*, 14 e 19 agosto de 1904, p. 1. Sobre o cólera em Londres, ver o *Diário da Bahia*, 20 junho de 1905, p. 1. No caso da epidemia de peste em

Campos, ver: *Diário da Bahia*, 18 agosto de 1906, p. 1. Nos três primeiros anos pesquisados, ou seja, 1902, 1903, 1904, nessa seção, as notícias sobre epidemias foram mais constantes do que nos anos de 1905 e 1906. Essa parte do jornal era editada durante todos os dias, menos quando o serviço de telegrama não chegava a tempo, o que acontecia muito raramente. Cabe mencionar que notícias relacionadas à economia, à política, e ao mundo científico, entre outras, também foram veiculadas.

¹⁴ Essa parte era editada, na maioria das vezes, na primeira página. Nesta, ainda, existia uma seção denominada “Necrologia”, em que se listavam os falecimentos, o local de enterramento, o endereço do falecido, a causa do óbito, além de trazer, em alguns casos, notas de pesar para a família. A tuberculose era a que mais vítimas fazia.

¹⁵ Aviso da Inspeção Central de Higiene sobre as doenças de notificação obrigatória: *Diário da Bahia*, 31 dezembro de 1902, p. 4.

¹⁶ *Diário da Bahia*, 22 fevereiro de 1903, p. 1; *Diário da Bahia*, 26 abril de 1903, p. 1. A ideia de que o mosquito era o agente transmissor da febre amarela já era defendida por alguns estudiosos do mundo. Sobre a defesa dessa tese nos Estados Unidos, ver: *Diário da Bahia*, 5 janeiro de 1902, p. 2; *Diário da Bahia*, 11 novembro de 1902, p. 1. No caso do Brasil, ainda, consultar, entre outras edições, o *Diário da Bahia*, 24 de julho de 1903, p. 1; *Diário da Bahia*, 22 novembro de 1903, p. 2.

¹⁷ *Diário da Bahia*, 3 dezembro de 1905, p. 2.

¹⁸ O caso do Dr. Azeredo apareceu nas seguintes edições: *Diário da Bahia*, 12 fevereiro de 1906, p. 1; *Diário da Bahia*, 11 março de 1906, p. 1; *Diário da Bahia*, 4 abril de 1906, p. 1.

¹⁹ Sobre a peste, ver o *Diário da Bahia* dos dias 11 e 16 de abril de 1902. Ambas as matérias foram publicadas na página 2; *Diário da Bahia*, 14 julho de 1904, p. 2; *Diário da Bahia*, 9 março de 1906, p. 1, entre outros. Para o caso da varíola, ver: *Diário da Bahia*, 9 abril de 1902, p. 2.

²⁰ *Diário da Bahia*, 11 março de 1906, p. 1; *Diário da Bahia*, 15 março de 1906, p. 1, e *Diário da Bahia*, 18 março de 1906, p. 1.

²¹ Jacinto Barbosa, pesquisando a doença na imprensa da província do Ceará, entre os anos de 1850 a 1880, mostrou como a apropriação do tema da doença pelos jornais gerou formas variadas de perceber um fenômeno que, além de patológico, era objeto de uma construção social. BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. As doenças viram notícia: imprensa e epidemias na segunda metade do século XIX. In: Nascimento, Dilene Raimundo e Carvalho, Diana Maul de. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004, p. 77.